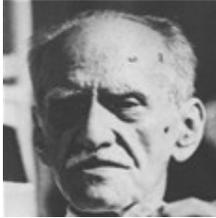


## Gustavo Corção: lições de tomismo!

Profa. Dra. Marta Braga - UCP



Gustavo Corção

Gustavo Corção nasceu no Rocha, subúrbio pobre do Rio, em 1896. O pai, de família aristocrática, morreu cedo, jogador e *bon-vivant* inveterado. A mãe, de quem Corção conservou o sobrenome espanhol, com cinco filhos pequenos, ganhava a vida costurando e posteriormente, com a ajuda do segundo marido, um taxista, abriu um colégio interno onde o próprio Gustavo já ajudava a ensinar aos onze anos. Estudando de maneira muito individual e assistemática, Gustavo conseguiu, no entanto, aceder à Escola Nacional de Engenharia, onde ganhou o respeito dos professores e colegas. Foi convidado para auxiliar o grande Amoroso Costa e seguiria assim a brilhante vida acadêmica, se não aceitasse, aos vinte anos, viajar ao sertão, numa missão cartográfica. Voltando ao Rio, depois de muitos meses e aventuras, casou-se, e, buscando um emprego, meteu-se pelo caminho então incipiente da radiofonia. Em 1936 morria-lhe a esposa, repentinamente. Mãe de dois filhos, ela recusou-se a seguir a recomendação médica de abortar um terceiro. Corção, batizado mas afastado há muito da Igreja, viu-se em meio a um doloroso vazio existencial. Aos poucos, no decorrer de três anos, sendo guiado pelos monges do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, foi re-descobrimdo o sentido da sua fé católica. A história desses anos de busca, de dor e finalmente de júbilo, foi descrita por ele mesmo no seu primeiro livro *A Descoberta do Outro*. Publicado em 1944 e seguido logo de inúmeras edições, este livro fez dele, segundo palavras de Amoroso Lima, uma estrela de primeira grandeza no panorama da intelectualidade brasileira. E segundo muitos críticos estrangeiros, também no panorama internacional. Seguiram-se outros livros: *Três Alqueires e uma Vaca*, em 1946, sobre a original idéia do distributismo do genial inglês Gilbert Chesterton. Em 1950 *Lições de Abismo*, uma profundíssima meditação sobre o sentido da vida e da morte, ganhou o prêmio da UNESCO e foi logo traduzido na América do Sul, nos Estados Unidos e na Europa. Nos anos posteriores apareceriam obras-primas como *O Desconcerto do Mundo*, *Claro-Escuro*, *As Fronteiras da Técnica*, algumas coletâneas de artigos e conferências como *Dez Anos e Nacionalismo e Patriotismo*, e, em 1967, sua obra mais extensa, um tratado de filosofia da História, centrada no famoso pensamento de Santo Agostinho, *Dois Amores, Duas Cidades*.

Todas estas obras, livros como artigos, alcançaram grande sucesso no seu tempo. Corção, o pensador católico, foi equiparado – e inclusive considerado superior - a Merton, a Greene, a Mauriac. Corção, o escritor, foi declarado o sucessor de Machado de Assis. Corção, o professor, influenciou toda uma geração brasileira, inclusive homens públicos como Castelo Branco. Mas os últimos tempos da sua longa vida foram amargos. Aos oitenta anos, o democrata, o convertido, via a seu redor espetáculos dolorosos. No plano da vida pública nacional, estendia-se o regime Militar, o Brasil se debatia no drama da Guerra Fria, e por outro lado as esquerdas passavam a dominar o panorama cultural. No plano religioso, Corção pressentia a crise que viria depois do Vaticano II. Tornou-se um lutador, trocou a pena literária pela pena comprometida, como dizia. Nos seus últimos artigos e, sobretudo, no seu último livro, *O Século do Nada*, de 1973, Corção mostrou a força da sua sinceridade, a grandeza da sua erudição e, também, algumas vezes, fraqueza de argumentação. Suas obras anteriores tinham sido obras de convicção. Este último livro foi, como disse seu grande amigo, o eminente filólogo Chaves de Melo, obra de opinião. As suas palavras, antes portadoras de tanta beleza e confiança, fizeram-se agressivas e sentimentais. Aproximou-se de grupos radicais que o fizeram abandonar a sua antiga fidelidade a Jacques Maritain, o filósofo católico francês, paladino da Democracia e do Humanismo Cristão. Corção passou a estar muito isolado e, como Léon Bloy, tornou-se um individualista que atacava ferozmente, e certo que ainda com rara acuidade, os inimigos. Foi, no entanto, sempre profundamente coerente consigo mesmo, e os que o conheciam de perto atestavam a sua fé, a sua incrível bondade pessoal e o seu sofrimento. Morreu pobre e desprezado, em 1978, na sua velha casa das Laranjeiras.

*apud*: Marta Braga, 'Gustavo Corção: um gigante esquecido', *Coletânea*, 6 (2004), 249-257.